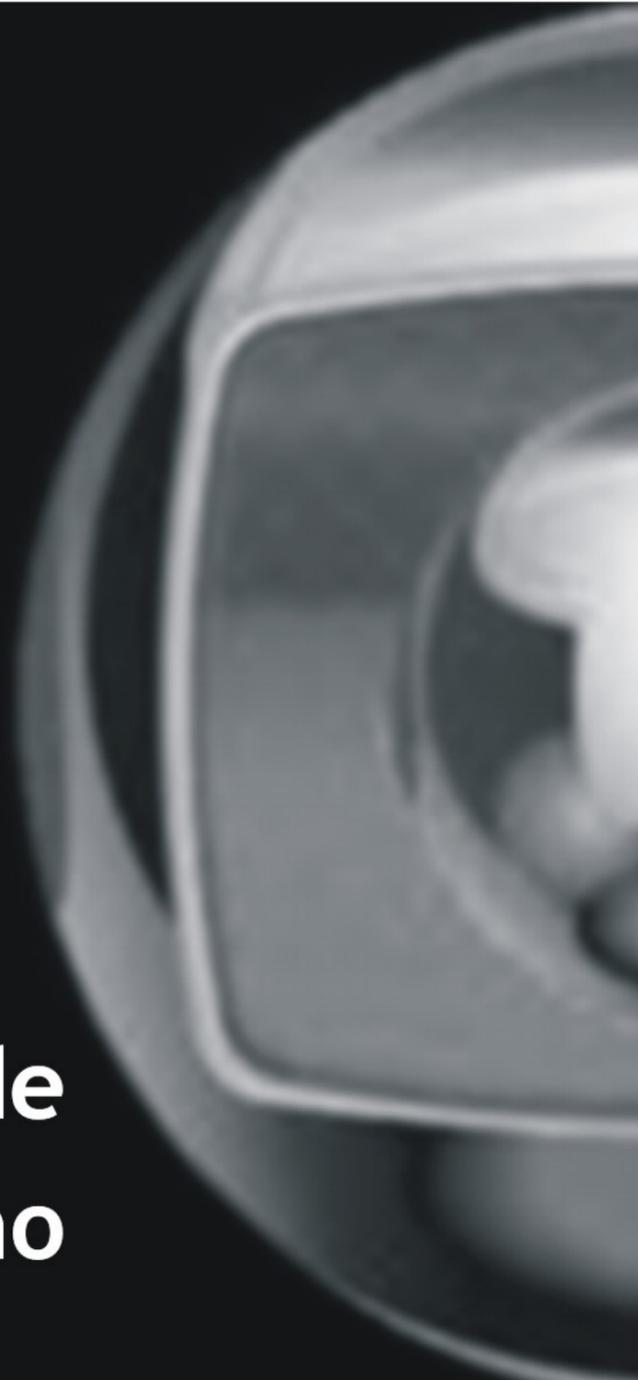


Sara Duarte Feijó

Jornalista formou-se na *PUC-SP* em 1998 e trabalhou em veículos como *Jornal da Tarde*, *Isto É* e *Veja São Paulo*. Mestre em História Social pela *USP*, está desenvolvendo uma tese de Doutorado sobre o telejornal “Repórter Esso”.

53 | 54



O julgamento de Roberto Marinho

Conheça o documentário Brazil: Beyond Citizen Kane, uma radiografia das relações entre as Organizações Globo e a Ditadura Militar.

“Julgamento da Revolução” é o nome de um célebre editorial publicado na primeira página do jornal *O Globo*, no domingo, 7 de outubro de 1984. No texto de duas colunas, que ocupou um terço da capa do periódico, o dono das Organizações Globo, Roberto Marinho (1904-2003), declarava: “Participamos da Revolução de 1964 identificados com os anseios nacionais das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada. Quando nossa redação foi invadida por tropas anti-revolucionárias, mantivemo-nos firmes em nossa posição.

Proseguimos apoiando o movimento vitorioso desde os primeiros momentos de correção de rumos até o atual processo de abertura que deverá consolidar-se com a eleição do futuro presidente.” Nove anos depois, o *Channel 4*, de Londres, abria espaço em sua programação para um documentário-bomba, que se chamou *Brazil: Beyond Citizen Kane*, mas poderia ser subentendido como “O Julgamento de Roberto Marinho”.

Dirigido pelo cineasta britânico Simon Hartog (1942-1992), um documentarista que dedicou a vida a denunciar as mazelas sociais e a corrupção nos países de Terceiro Mundo, *Brazil: Beyond Citizen Kane* é um filme declaradamente panfletário. Para realizá-lo, o diretor passou mais de dois anos colhendo depoimentos de políticos, empresários, escritores, artistas e profissionais de televisão que pudessem esclarecer qual a relação entre o dono das Organizações Globo e os presidentes e ministros da Ditadura Militar que governou o Brasil entre 1964 a 1985.

Assim como os aclamados documentários políticos *Ilha das Flores* (Brasil, 1990, dir. Jorge Furtado) e *Cidadão Boilesen* (Brasil, 2009, dir. Chaim Litewski), o filme de Hartog é autoexplicativo. Por meio do encadeamento ágil e instigante de entrevistas e imagens de arquivo, o cineasta vai construindo um enredo que mostra como a história da Rede Globo de Televisão e a da Ditadura Militar são praticamente indissociáveis.

O filme começa com a imagem de Roberto Marinho e a narração do próprio Hartog, dizendo que não existe nenhuma emissora de televisão no mundo tão poderosa quanto a TV Globo. Em seguida, a câmera mostra o então governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (1922-2004), afirmando:

Roberto Marinho é uma espécie de Stalin das Comunicações de nosso país. Quem não concorda com ele, é mandado para a Sibéria. A Sibéria do gelo. A Sibéria do esquecimento.

A seguir, o cantor e compositor Chico Buarque comenta:

Eu acho que ele é mais poderoso que o Cidadão Kane. Ele é a força política mais importante em um país de 150 milhões de habitantes. Aqui no Brasil, nada se faz sem consultar o Roberto Marinho. É assustador.

Esses depoimentos introduzem o eixo narrativo do documentário. A partir desse ponto, Hartog desenvolve um roteiro em que explica as semelhanças entre o dono das Organizações Globo e o magnata das comunicações Charles Foster Kane. É interessante notar como, sob qualquer ângulo que se olhe, Roberto Marinho foi, mesmo, “muito além do Cidadão Kane”, como sublinhou Hartog.

No filme de Orson Welles, Kane era um milionário norte-americano que, nos anos 1920, assume um tabloide decadente e, a partir dele, monta um império de comunicações, “com 37 jornais e dezenas de emissoras de rádio”. Para isso, recorre a toda sorte de manipulações e golpes baixos, com reflexos até na vida política dos Estados Unidos.

Roberto Marinho, o Cidadão Kane brasileiro, também começou a construir seu império nos anos 1920. Em 29 de julho de 1925, seu pai, Irineu Marinho Coelho de Barros, acionista minoritário do jornal vespertino *A Notícia*, fundou um novo jornal, chamado *O Globo*. Vinte e um dias depois, sofreu um infarto fulminante. Roberto, então com 20 anos, passou a administrar *O Globo*, sob a orientação do tesoureiro Herbert Moses (futuro presidente da Associação Brasileira de Imprensa) e do redator-chefe Euclides de Matos.

Em 1931, Marinho assumiu o pomposo cargo de “Diretor-Redator-Chefe”, que ocuparia durante toda a sua vida.

Autointitulado liberal (ou seja, capitalista, conservador e anticomunista), Marinho tornou-se um aliado de primeira hora do ditador Getúlio Vargas. Por isso, em dezembro de 1944, obteve a concessão da Rádio Globo do Rio de Janeiro. Embora a estação obtivesse algum destaque com suas transmissões esportivas (como a da Copa do Mundo de 1950), não conseguia bater as poderosas Mayrink Veiga, Tupi e Nacional.

Em 1957, segundo descreve Hartog em *Brazil: Beyond Citizen Kane*, Marinho ganhou a concessão de seu primeiro canal de TV.¹ Sobre uma foto de Marinho ladeado pelos sorridentes Juscelino Kubitschek e João Goulart, o cineasta narrou: “Marinho obteve a primeira concessão no governo de Juscelino, o qual apoiou. A segunda veio de Jango, que ele ajudou a depor”.

Essas concessões foram a semente da Rede Globo de Televisão, que hoje conta com cinco emissoras próprias (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Recife) e 121 afiliadas que atingem 95% dos municípios brasileiros. Atualmente, a Globo é a terceira maior rede de televisão do mundo, atrás apenas das norte-americanas ABC e CBS.

Brazil: Beyond Citizen Kane ajuda a entender como Marinho conseguiu dinheiro para montar sua rede de televisão e, a partir dela, construir o maior e mais poderoso conglomerado de mídia da América Latina.

De acordo com Hartog, a peça-chave do quebra-cabeças é o acordo firmado em 1965 entre Marinho e o conglomerado norte-americano TimeLife. O documentarista entrevistou o executivo Joe Wallach, diretor da TimeLife, que se mudou para o Brasil em agosto de 1965, para ajudar Marinho a levantar a Globo. Wallach ficou no Brasil até 1980, tendo sido, ao lado de Walter Clark (1936-1997) e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, o maior responsável por levar a TV Globo à liderança isolada de audiência.²

Walter Clark aparece em *Brazil: Beyond Citizen Kane*. Em sua entrevista, o ex-diretor da TV Globo insinua que Roberto Marinho o demitiu por ciúmes e que teria muitas semelhanças com o magnata da comunicação criado por Orson Welles: “Ele é como o Cidadão Kane, mas sem o Rosebud”.

Joe Wallach concedeu a Hartog um depoimento mais detalhado. Disse, por exemplo, que o dono da TV Globo e o governo militar tinham o interesse de montar uma rede que atingisse todos os Estados do Brasil. “Essa rede não era tanto para entreter o público, mas sim para integrar o Brasil”, diz. “E nossa companhia tinha interesse estratégico pela Argentina, Venezuela e Brasil, por ser um mercado virgem e proveitoso para investir.”

De acordo com Wallach, entre 1965 e 1966, a TimeLife investiu 6 milhões de dólares na emissora do Jardim Botânico. O valor é vinte vezes maior do que o capital que o todo-poderoso Assis Chateaubriand (1892-1968) utilizara para fundar a TV Tupi. O acordo entre Marinho e o grupo norte-americano era ilegal.

O Código Brasileiro de Telecomunicações (Lei nº 4.117, de 27/08/1962) proibia a participação de empresas estrangeiras no setor de radiodifusão, telecomunicações e mídia no Brasil.³

Na época da produção de *Brazil: Beyond Citizen Kane*, Boni ainda era diretor da Rede Globo e não quis receber Hartog. Mas em 2010, em entrevista à revista *Imprensa*, admitiu que o acordo TimeLife infringia as leis brasileiras. “O acordo era totalmente ilegal, no meu ponto de vista (...) Era um acordo de assistência técnica: eles construíram o prédio da TV Globo no Rio de Janeiro e em troca, cobravam um aluguel exorbitante. Foi mais ou menos como acontece hoje entre a Record e a Igreja Universal (do Reino de Deus)”.⁴

Os presidentes militares, interessados em criar uma rede de telecomunicações que fizesse a sua mensagem nacionalista e totalitária chegar aos lares de todos os brasileiros, fizeram vista grossa para essa ilegalidade e ainda investiram milhões de dólares na emissora de Marinho. De acordo com Hartog, em 1990, 30% da verba publicitária da TV Globo vinha do Governo Federal.

O documentário mostra que a relação de cooperação mútua entre Marinho e os militares era muito clara. Por exemplo, no trecho sobre o presidente Costa e Silva, Hartog narra: “Em 1967, Costa e Silva assume a presidência e tem início o milagre econômico brasileiro”. E em seguida, exhibe uma entrevista do ditador, descrevendo a filosofia do Regime Militar: “Que os ricos, sejam cada vez mais ricos, para que graças a eles os pobres, por sua vez, sejam menos pobres”.

A sequência termina com um comentário do próprio Hartog: “O ditador deu total apoio à comunicação, dando crédito para a compra de equipamentos para tevê e criando o Ministério das Comunicações. Os objetivos eram a Segurança Nacional e a integração”.

Ao longo do roteiro de *Brazil: Beyond Citizen Kane*, fica cada vez mais evidente a relação de apoio mútuo entre a Rede Globo e a Ditadura Militar. Uma fala do general Emilio Garrastazu Médici, militar linha-dura que comandou o Brasil entre 1969 e 1974, escancara: “Cada vez que ligo a televisão no *Jornal Nacional*, sinto-me feliz porque no telejornal da Globo o mundo está caótico, mas o Brasil, em paz. É como tomar um tranquilizante após um dia de trabalho”. Como um franco-atirador, Hartog aponta sua câmera para todos os malfeitos supostamente produzidos pela emissora.

Primeiro mostra que a TV Globo apagou de sua programação qualquer menção ao cantor e compositor Chico Buarque, pois ele havia sido declarado “persona non grata” pelo Regime Militar. Em seguida, mostra o ministro da Justiça Armando Falcão dizendo que a emissora nunca precisou sofrer censura porque era leal ao governo militar.

Lembra que o Comício das Diretas, que reuniu mais de 1 milhão de pessoas em 25 de janeiro de 1984, em São Paulo, recebeu uma cobertura totalmente distorcida no *JN*.

E relembra, ainda, dois fatos políticos que até hoje assombram a história da Globo: a campanha que Marinho teria arquitetado, em 1982, para tentar evitar que seu desafeto político, Leonel Brizola,

assumisse o governo do Rio de Janeiro; e a manipulação grosseira do último debate eleitoral entre Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, na véspera da eleição presidencial de 1989.

Outro trecho bastante pungente é o que fala das ligações políticas entre Roberto Marinho e seu amigo, Antônio Carlos Magalhães, o ACM (1927-2007). Hartog descreve que o dono das Organizações Globo teria operado nos bastidores para fazer do político baiano o Ministro das Comunicações do governo João Figueiredo (1979-1984). De posse do cargo, ACM teria articulado para que as duas concessões da TV Tupi, uma no Rio e outra em São Paulo, não fossem parar nas mãos de concorrentes de Marinho.

Como forma de agradecimento, em 1987, Marinho cancelou abruptamente o contrato de 18 anos da Globo com sua afiliada em Salvador, a TV Aratu. Dali em diante, a parceira da Globo na cidade seria a TV Bahia, pertencente à família de Antonio Carlos Magalhães. Como se vê, o documentário *Brazil: Beyond Citizen Kane* se propõe a fazer o julgamento (ou linchamento) público de Roberto Marinho. O lado irônico é que seu idealizador, Simon Hartog, não tenha vivido o suficiente para ver o veredito que o povo brasileiro deu ao empresário.

Em 1992, as Organizações Globo foram à Justiça tentar barrar a exibição do documentário na Inglaterra e no Brasil, sob o pretexto de que a produção exibia imagens que pertenciam exclusivamente à TV Globo. Nesse meio tempo, Hartog adoeceu e o documentário teve de ser finalizado por seu sócio, o produtor de tevê britânico



Leonel Brizolla e Antonio Carlos Magalhães
no documentário Além do Cidadão Kane

SURTA VOCE ESTÁ SENDO MANIPULADO!

Além do Cidadão Kane é um documentário produzido pela BBC de Londres - proibido no Brasil desde a estreia, em 1993, por decisão judicial - que trata das relações sombrias entre a Rede Globo de Televisão, na pessoa de Roberto Marinho, com o cenário político brasileiro. - Os cortes e manipulações efetuados na edição do último debate entre Luiz Inácio da Silva e Fernando Collor de Mello, que influenciaram a eleição de 1989. - Apoio a ditadura militar e censura a artistas, como Chico Buarque que por anos foi proibido de ter seu nome divulgado na emissora. - Criação de mitos culturalmente questionáveis, veiculação de notícias frívolas e alienação humana. - Depoimentos de Leonel Brizola, Chico Buarque, Washington Olivetto, entre outros jornalistas, historiadores e estudiosos da sociedade brasileira.



"Todo brasileiro deveria ver Além do Cidadão Kane"

Idioma : Português

Ano: 1993

Direção: Simon Hartog

Gênero: Documentário

Duração: 103 min

Produção: BBC

Tela: Cor & PB

DVD

BBC

Documentário Proibido no Brasil

Além do Cidadão Kane



REDE GLOBO

Além do Cidadão Kane

(Beyond Citizen Kane)

BBC

DVD

SINOPSE

Muito Além do Cidadão Kane é um documentário produzido pela BBC de Londres – proibido no Brasil desde a estréia, em 1993, por ordem judicial, que trata das relações sombrias entre a Rede Globo de Televisão, na pessoa de Roberto Marinho, com o cenário político brasileiro. – Os Cortes e manipulações efetuados na edição do último debate entre Luiz Inácio da Silva e Fernando Collor de Mello, que influenciaram a eleição de 1989. – Apoio a ditadura militar e censura a artistas, como Chico Buarque, que por muitos anos foi proibido de ter seu nome divulgado na emissora. – Criação de mitos culturalmente questionáveis, veiculação de notícias frívolas e alienação humana. – Depoimentos de Leonel (...) Brizola, Chico Buarque, Dias Gomes, Lula, Antônio Carlos Magalhães, Roberto Marinho, Washington Olivetto e outros.

SORRIA,



VOCÊ ESTÁ SENDO
MANIPULADO!!

FICHA TÉCNICA

Título original: Beyond Citizen Kane

Ano: 1993

Tempo: 93min

Gênero: Documentário

BRASIL

MUITO ALÉM DO CIDADÃO KANE

Brasil: Muito Além Do Cidadão Kane



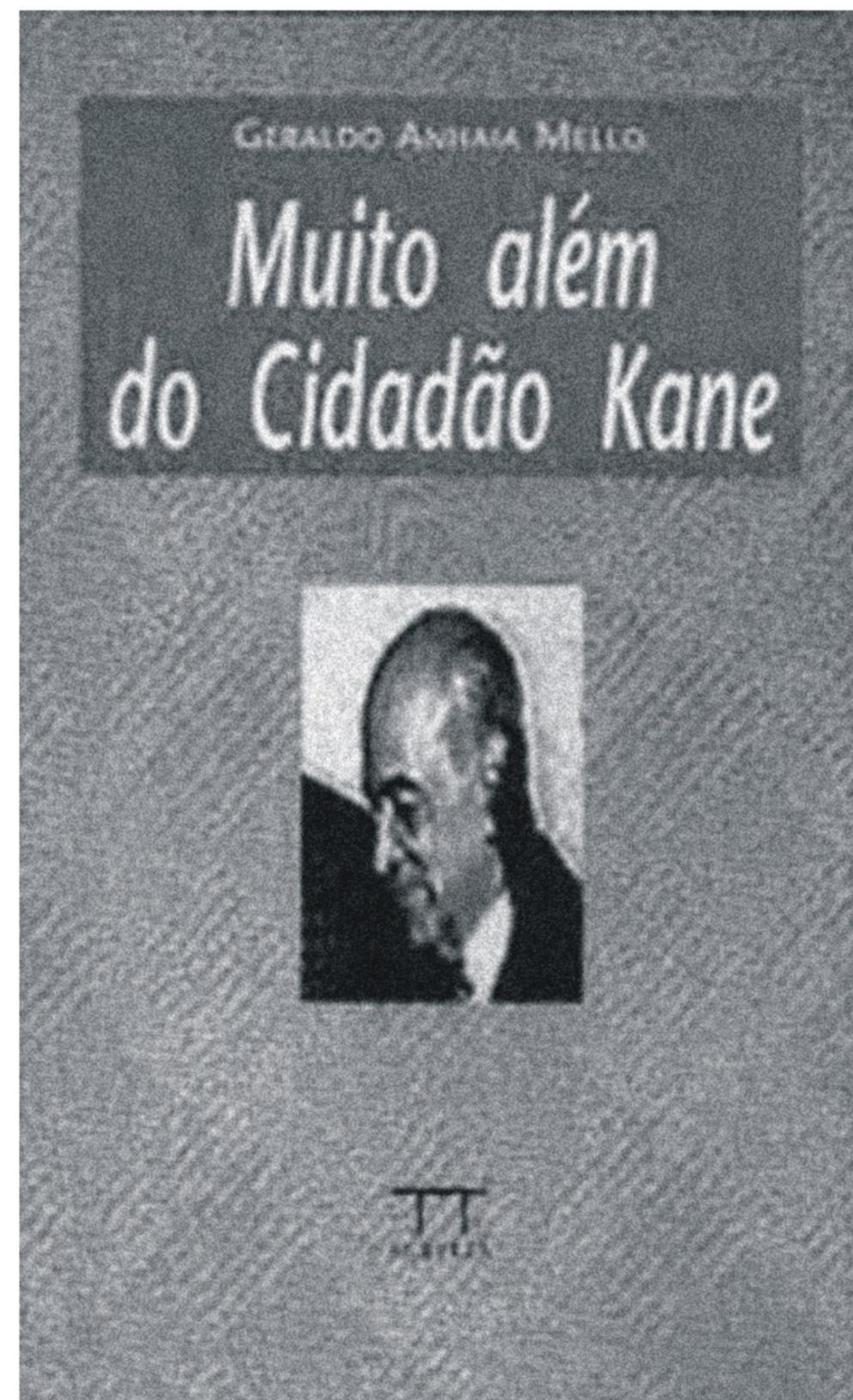
DVD
VIDEO

John Ellis, hoje professor de Comunicação e Mídia na Universidade de Londres. De acordo com depoimento de Ellis ao jornal *Folha de S. Paulo*, Hartog terminou a edição do documentário em março de 1992, entrou em coma em maio do mesmo ano e morreu dois meses depois.

Coube a John Ellis tomar as devidas providências para que *Brazil: Beyond Citizen Kane* fosse transmitido pelo *Channel 4*, de Londres, em sua versão integral, em 1993. No Brasil, o documentário foi exibido em uma sessão no *Museu da Imagem e do Som (MIS)*, em São Paulo, em 2 de junho de 1994. No dia seguinte à exibição, o governador Luiz Antônio Fleury Filho mandou demitir o jornalista e *videomaker* Geraldo Anhaia Mello, programador do MIS. De posse de uma cópia em VHS, Anhaia Mello se encarregou de promover a dublagem do documentário e fazê-lo circular por grupos de cinéfilos e estudantes de Comunicação.

No mesmo ano, lançou o livro *Muito Além do Cidadão Kane*, que trazia o roteiro comentado e a biografia do diretor. Uma justa homenagem ao cineasta Simon Hartog, que foi impedido de ver seu o último e mais importante filme se tornar um clássico da História da Comunicação no Brasil.

Desde 2009, os direitos de exibição do documentário em tevê aberta pertencem à Rede Record de Televisão. O vídeo jamais foi lançado comercialmente em VHS ou DVD, mas está disponível em cópias piratas ou no *YouTube* (já teve mais de 500 mil acessos).



Capa do Livro de Geraldo Anhaia Mello

FICHA TÉCNICA

Brazil: Beyond Citizen Kane (Reino Unido, 1993).

Direção: Simon Hartog.

Gênero: Documentário.

Cor, 93 minutos.

Produção: Large Door (produtora de John Ellis e Simon Hartog).

BIBLIOGRAFIA

ANHAIA MELLO, Geraldo. *Muito Além do Cidadão Kane*. São Paulo: Scritta Editorial, 1994.

CLARK, Walter e PRIOLLI, Gabriel. *O campeão de audiência: uma autobiografia*. São Paulo: Best-Seller, 1991.

WALLACH, Joe. *Meu Capítulo na TV Globo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2011.

Notas:

1. Até a promulgação da Constituição de 1988, as concessões de canais de televisão no Brasil eram uma atribuição exclusiva do presidente da República. Cada concessão equivale a um canal de tevê de alcance regional. Assis Chateaubriand, por exemplo, obteve a concessão da *TV Tupi* de São Paulo (canal 3) em 1950 e só no ano seguinte obteve a da *TV Tupi RJ* (canal 6). Roberto Marinho, por sua vez, ganhou de Juscelino Kubitschek a concessão do canal 4 do Rio de Janeiro em 1957, mas só colocou a emissora no ar, com o nome de *TV Globo*, em 26 de abril de 1965. Para levar a programação da *Globo* a São Paulo, Marinho comprou a concessão da *TV Paulista* (canal 5), que pertencia às *Organizações Victor Costa*.

2. Em 31/08/2011, por ocasião do lançamento de seu livro, *Meu Capítulo na TV Globo* (Ed. Topbooks, 2011), o executivo Joe Wallach afirmou, em entrevista ao *Programa do Jô*: “O acordo TimeLife acabou depois de cinco anos, mas eu fiquei 15 na TV Globo, no Rio (...) Depois eu voltei para os Estados para dirigir o canal Telemundo, dedicado ao público latino nos Estados Unidos. Aí eu voltei para a Globo para montar a Tele Montecarlo, nossa afiliada em Mônaco. Nos anos 1990, eu iniciei Globosat: inaugurei os quatro primeiros canais de tevê por assinatura da Globo: Multishow, Telecine, GNT e SporTV.”

3. Em 2002, a Emenda Constitucional número 36 autorizou a participação de até 30% de capital estrangeiro nas empresas de Comunicação brasileiras.

4. OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio Boni. Para Boni, acordo Globo-TimeLife foi operação totalmente ilegal. *Revista Imprensa* nº 260, São Paulo: setembro de 2010.